

# PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Dora Alves

## ENTREVISTA

**JOSÉ ANTÓNIO BANDARRA DOS REIS** nasceu na freguesia de Odiáxere, concelho de Lagos, em 1952. Realizou o Curso de Aprendizagem do Comércio na Escola Industrial de Lagos. Profissionalmente, exerceu funções de técnico de farmácia ao longo de toda a sua vida.

Foi membro da Assembleia da antiga Freguesia de Santa Maria (concelho de Lagos) nos mandatos de 1980 a 1982 e de 1983 a 1984. Foi eleito presidente da Assembleia da antiga Freguesia de São Sebastião nos mandatos de 2002-2005, 2005-2009. Foi membro da Assembleia de Freguesia de São Sebastião entre 2009 e 2013. Desde 2013, é eleito presidente da Assembleia de São Gonçalo de Lagos, nos mandatos de 2013-2017, 2017-2021 e 2021-2025.

Em 25 de Abril de 1974, José António Bandarra dos Reis estava a cumprir o serviço militar em Luanda, Angola. Recebeu a notícia através da rádio.

### DESCRIÇÃO

**Código de Referência:** PT/ML/AML/C/3/35/000005

**Título:** Entrevista a José António Bandarra dos Reis

**Data:** 27/07/2023

**Local:** Instalações da Junta de Freguesia de São Gonçalo, Lagos.

**Tipo:** Entrevista áudio formato M4A

**Duração de gravação:** 00:18:19

**Entrevistador:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Registo fotográfico:** Museu de Lagos / Dora Alves

**Transcrição, revisão e edição:** Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

**Texto revisto e validado pelo entrevistado** a 28/02/2024.



MUSEU  
DE LAGOS

**Patrícia de Jesus Palma (PJP):** *Senhor José Reis, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. O senhor José vivia em Lagos nesse período?*

**José António Bandarra dos Reis (JABR):** Não, estava em Luanda, na tropa. Estava na tropa, tinha acabado a tropa no dia 8 de abril e só vim em julho de 1974.

**PJP:** *Estava na tropa onde?*

**JABR:** Em Angola, mais propriamente, naquela altura, em Luanda. Num acampamento militar que fica ali a 10 km de Luanda.

**PJP:** *Ainda estava lá quando se deu o 25 de Abril. Como é que as notícias chegaram lá?*

**JABR:** Através da rádio. A rádio é um meio de transporte e um veículo de informação muito rápido.

**PJP:** *Souberam pela rádio no próprio dia?*

**JABR:** Eu só soube de manhã, às 9h00 da manhã.

**PJP:** *Como é que foi a reação?*

**JABR:** A reação... A gente ficou assim meio abrutalhados, porque a gente não tinha... Eu, na altura, até estava de férias, ou tinha uns dias para gozar e estava a trabalhar lá numa farmácia, ia fazer lá uns biscatezinhos. E pronto, e quando me disseram foi quando propriamente cheguei à farmácia.

**PJP:** *E percebeu o que era?*

**JABR:** Percebi o que era, ia surgir uma mudança de regime, que o regime caía. O que vinha não sabíamos, mas pressupúnhamos sempre que seria para melhor.

**PJP:** *E o tempo que passou lá, antes do 25 de Abril, qual era o sentimento que se vivia? Era de normalidade, era de ânsia de alguma mudança?*

**JABR:** Sabe que nós, na tropa, não nos preocupamos muito com isso. Sabemos que nos mandaram para lá, a gente procura cumprir a nossa missão. As pessoas, na altura, todas tinham medo de partilhar algo que fosse contra o regime. Havia pessoas que informavam e diziam. As pessoas, chegou a um ponto, que as pessoas tinham medo de conversar umas com as outras. Era o trivial, o dia-a-dia.

**PJP:** *Era essa a realidade.*

**JABR:** Era essa a realidade.

**PJP:** *Esses dias após, até vir de volta para Portugal, como é que foram vividos?*

**JABR:** Foram vividos bem. Como militar, sinto alguma frustração, porque na altura estava lá o Rosa Coutinho<sup>1</sup>, e as nossas tropas, ficaram totalmente inativas, digamos assim. Passou a existir alguns tumultos dentro de Luanda, os próprios nativos sentiram que, enfim: “– Chegou a nossa vez!”, “– Isto vai ser nosso!”, “– Vamos correr com os brancos daqui!”, aquele sentimento. Não se ouvia verbalmente essas palavras, mas era o sentimento que eles tinham, “os pulas” – eles chamam pulas aos brancos – e assim ficou. Tinha lá umas pessoas conhecidas, que moravam numa zona de Luanda e, a uma certa altura, ali no mês de junho, princípios de julho, antes de eu me vir embora, quem fazia a segurança na rua era quase os taxistas, porque a tropa, a polícia, quer dizer, as forças de segurança ficaram quase inativas após o 25 de Abril. Porque as próprias forças tinham medo de agir: “Vamos agir, isto agora o 25 de Abril...”

**PJP:** *Estavam destituídos da autoridade que tinham, quando tinham ido para lá?*

**JABR:** Exatamente. Esse é o sentimento que tenho. Houve alguns tumultos mesmo dentro da cidade de Luanda dos próprios nativos que, enfim, queriam manifestar o seu agrado pelo 25 de Abril também e a possibilidade de: “– Os brancos vão-se embora, eu vou ficar com a casa deles, o prédio vai ficar para mim!”, aquelas coisas que eles diziam...

**PJP:** *Eram as suas aspirações naquele momento.*

**JABR:** Exatamente.

**PJP:** *E como foi a viagem de volta?*

**JABR:** A viagem foi boa. Eu vim em julho. Vim de avião para cá, de avião militar, e existia aquela manifestação em Lisboa, em quase todos os aviões que vinham do Ultramar, com aqueles cartazes: “Nem mais um militar para o Ultramar”, aquelas coisas que as pessoas diziam, não é?

**PJP:** *Que não queriam que continuasse a guerra...*

**JABR:** Sim, com algum sentimento de felicidade, digamos assim.

**PJP:** *Quantos anos tinha, nessa altura?*

---

<sup>1</sup> António Alva Rosa Coutinho (14/02/1926-02/06/2010) era capitão-de-fragata em Angola, aquando do 25 de Abril de 1974. Aí, foi designado para a Junta de Salvação Nacional e uma das suas primeiras funções foi a de coordenador da Comissão de Extinção da PIDE-DGS e Legião Portuguesa.

**JABR:** Para aí 22 ou 21, não sei.

*PJP: E morava em Odiáxere antes de ir para o serviço militar? Sempre viveu em Odiáxere?*

**JABR:** Sim.

*PJP: Quando regressa, como é que sente a sua terra? Que memórias tem dessa altura?*

**JABR:** Tenho algum sentimento de algum desgosto, porque, infelizmente, nesse período houve alguns amigos meus, ou porque perfilavam as linhas do PSD, ou outras coisas assim, eram insultados por outras forças que eram mais esquerdistas, não vou aqui nomear o nome, e eu senti algum sentimento negativo. Quer dizer, pessoas que eram amigas começaram-se a insultar, só porque o outro era do PSD e manifesta-se, e o outro é de esquerda e começa a insultar... E aquilo, para mim, fez-me um bocado de confusão.

*PJP: Portanto, criou-se um ambiente de hostilidade?*

**JABR:** De hostilidade.

*PJP: E como é que se recorda dos dois anos de transição entre 1974 e 1976 até às primeiras eleições? Lembra-se desse período?*

**JABR:** Sim, sei que esse período foi um pouco tumultuoso, as pessoas estavam desejosas da democracia e queriam que tudo aquilo fosse, tivesse uma agilidade rápida.

*PJP: E as pessoas sabiam o que era isso da democracia?*

**JABR:** Ninguém sabia! Ninguém sabia! Ninguém sabia!... Hoje em dia... Repare, só num exemplo que lhe vou dar: cria-se uma Constituição, creio que em 1976, e vamos aqui dar um exemplo: eu tenho amigos que são do Partido Comunista, que eu respeito com todo o amor e carinho, tenho um grande respeito por eles, mas, às vezes, tenho conversas com eles. Cria-se a Constituição e a Constituição diz assim: faz-se greves, mas o direito à greve é livre de fazer, mas é livre de não fazer, e chegou-se a uma altura em 76 que as forças de esquerda, por exemplo, uma escola fazia greve, eles chegavam, e a primeira coisa que faziam era pôr um cadeado na escola e limitavam a liberdade de quem não queria fazer greve. Eu já tenho discutido isso com eles: “- Mas, vocês têm um papel importante na nossa democracia, são pessoas que eu respeito, mas, vocês não podem impedir a liberdade de outras pessoas tendo esse tipo de atitudes!” Mais grave, às vezes, tudo aquilo era feito impávido e serenamente nas barbas da PSP e GNR, que nada faziam!

*PJP: Que eram coniventes? É um período de grande agitação...*

**JABR:** É um período de agitação que as pessoas todas tinham medo de agir, as próprias forças de segurança não sabiam como é que agir!

**PJP:** *Porque não sabiam o que é que ia dar?*

**JABR:** Não sabiam no que é que ia dar, não sabiam. Vou fazer isto, sou perseguido, atiram-me pedras, fazem-me isto. Foi muito complicado.

**PJP:** *Depois do 25 de Abril, começa a haver uma grande movimentação social e começam a criar-se comissões e associações.*

**JABR:** Associações, cooperativas, tudo. As cooperativas, sabe perfeitamente que, poucas cooperativas a seguir ao 25 de Abril tiveram sucesso. Porque as pessoas não estavam organizadas, não estavam preparadas para aquilo e depois destituíram todos os cargos de pessoas sábias que já estavam lá há muitos anos e que podiam dar uma ajuda, mas, pronto, eram corridas -, pertenciam ao antigo regime: “- Não fazem aqui falta!” - e aquilo não deu sucesso por causa disso. Podia ser uma coisa bonita e não foi, por essa forma de agir.

**PJP:** *E em Odiáxere lembra-se de alguma que tenha avançado?*

**JABR:** Em Odiáxere, assaltaram lá o quintal do senhor padre, roubaram aquilo tudo. A farmácia que lá está e a Junta de Freguesia aquilo tudo era tudo da igreja. Foi tudo tomado de assalto. Pronto, é a única coisa que sei. Se me perguntar assim: “- Foi bem? Foi mal?” O futuro veio dizer que, de facto, foi uma coisa boa que Odiáxere tem, mas a forma como aquilo foi feito, podia ser feito de outra forma.

**PJP:** *E esse espaço foi transformado em quê?*

**JABR:** Onde está a Junta de Freguesia, era tudo da igreja. Onde está a farmácia de Odiáxere, era espaço da igreja. Foi tudo tomado de assalto: “- Vamos deitar isto abaixo! A gente não precisa nada disto aqui! Isto faz falta aqui em Odiáxere para fazer disto uma farmácia.” E foi tomado de assalto. Não estou a condenar quem fez, porque, se calhar, foi feito com boas intenções e as boas intenções estão à vista. Agora, não sei se era necessário ser feito daquela maneira. Isso é a minha dúvida, que vai persistir sempre.

**PJP:** *E lembra-se, já falou nessa tensão entre quem era de um Partido, quem era de outro, lembra-se do surgimento dos sítios onde os partidos funcionavam? Tem lembrança do sítio, da casa onde funcionavam o partido A, o partido B? Tem memória disso?*

**JABR:** Só aqui em Lagos, em Odiáxere não. Odiáxere era, agora já é vila, na altura não era assim, e as pessoas reuniam-se... Muitas vezes, começaram a pedir as escolas primárias para se reunir nas escolas primárias e era lá que faziam os seus comícios, sessões de esclarecimento, que era aquilo que era dito na altura. Sessões de

esclarecimento eram nas escolas primárias. Depois, aqui em Lagos, é que se começou a criar sedes, sedes do partido A, do partido B, partido C.

**PJP:** *Lembra-se onde é que eram?*

**JABR:** O P.S.D. era onde está agora lá, por cima da farmácia Silva<sup>2</sup>, penso que era aí. O Partido Comunista era ali a seguir à Pastelaria Gombá. Os outros não sei. Sei que havia um partido que era o M.D.P./C.D.E., que era na rua 25 de Abril, ali ao pé dos arcos.

**PJP:** *E tinham a porta aberta? Recebiam lá as pessoas?*

**JABR:** Sim, tinham lá pessoas que informavam, que esclareciam e davam informações.

**PJP:** *Para si, como é que entendeu aquele mundo novo que estava ali a aparecer?*

**JABR:** Eu não entendia, porque nunca me envolvi muito em política e aquilo para mim era tudo uma coisa nova, não conseguia apreender aquilo tudo com a rapidez com que as pessoas queriam que nós absorvêssemos. Fui vendo, fui vendo, portanto, fui vendo... Eu hoje não sou militante de coisa nenhuma. Estou na área do Partido Socialista, porque a seguir ao 25 de Abril os meus amigos quiseram fazer uma lista e convidaram-me, mas ainda hoje não sou militante de coisa nenhuma. Estou no Partido Socialista, uma pessoa leva o carimbo do Partido Socialista e fica sempre digitado: “–Ah, tu és do Partido Socialista!”. Não, eu não sou militante de coisa nenhuma, mas não me envergonho de dizer que estou no Partido Socialista.

**PJP:** *Que é simpatizante?*

**JABR:** Sou simpatizante, acabei por simpatizar e abraçar este projeto e estou no Partido Socialista, mas, pronto, não que eu seja militante. Eu, a democracia tenho dificuldade em definir o que é de Esquerda, o que é de Direita, porque as pessoas depois acobardam-se às situações. Uma coisa de Direita que é apresentada num projeto, se for boa, mas só porque é de Direita, as pessoas rejeitam. E eu não compartilho desses ideais. Se é bom, a gente tem que aprovar, seja de Esquerda ou de Direita, não sei. E eu tenho dificuldade: o que é de Esquerda? O que é de Direita? Ainda hoje em dia eu tenho dificuldade. Talvez seja estupidez minha, ou falta de formação, não sei, não consigo definir ainda.

**PJP:** *É a sua visão sobre.*

**JABR:** Sim, é a minha visão.

**PJP:** *E lembra-se depois das primeiras eleições autárquicas, em dezembro de 1976?*

**JABR:** Lembro-me.

---

<sup>2</sup> R. 25 de Abril, 8600-688 Lagos, Portugal.

**PJP:** *Foi votar? Lembra-se desse momento, desse dia?*

**JABR:** Lembro-me. Fui votar em todas. Votei em todas as eleições.

**PJP:** *Qual foi o ambiente vivido nesse dia? Onde é que votou?*

**JABR:** Votei aqui em São Sebastião, na Escola Industrial. Antigamente, havia Santa Maria e São Sebastião. Sei que foi numa das escolas, mas não sei já qual foi. Ou no Centro Cultural, sei que foi num sítio desses.

**PJP:** *E como era o ambiente desse dia?*

**JABR:** Era sadio! Era bom, era bom.

**PJP:** *Muita gente?*

**JABR:** Havia muita gente. Nas mesas havia fiscalização, ainda hoje existe. Todos os partidos tinham um membro indigitado para cada mesa para fiscalizar se havia falcatruas. O que é normal. Acho que isso até é uma forma sadia de revitalizar a democracia. Mas, acho que correu tudo bem do meu ponto de vista.

**PJP:** *Do que é que se lembra da população em geral, das pessoas se mobilizarem por determinados objetivos, por determinados anseios, da forma como as pessoas passaram a participar socialmente?*

**JABR:** O que me lembro é que algumas pessoas aderiram a sindicatos e outras coisas assim. Começaram a ser associadas, passaram a fazer, não digo comícios, mas reuniões de informação dos próprios sindicatos da área de trabalho a que estavam em atividade e pouco mais que isso.

**PJP:** *Pessoalmente, como é que sente o seu contributo na construção desta sociedade nova que nasce com a revolução?*

**JABR:** Eu fui entrando muito lentamente. Tudo isto me fazia confusão, porque dentro desta liberdade que existia, passou a existir algumas atrocidades, alguns abusos, alguns excessos, algumas faltas de respeito pelo ser humano e isso, a mim, fazia-me um pouco de confusão. Eu procurava isolar. Não é não querer ser participativo, às vezes, vem um amigo, passava ali na rua e era insultado, só porque não pertencia ao Partido X. Isso, a mim, fazia-me confusão.

**PJP:** *Achava uma injustiça?*

**JABR:** Injustiça, quer dizer, a liberdade, as pessoas têm de usá-la e saber usá-la. Isso fazia-me confusão e ainda hoje me faz.

**PJP:** *Quando é que começa a participar aqui no poder autárquico local?*

**JABR:** Mais ativamente foi aqui quando o Pedro Cruz me convidou para aqui. Eu vinha de Odiáxere, mas, depois vim morar aqui para Lagos. Ele convidou-me para fazer parte daquilo, enquanto esteve aqui na Junta. Fui sempre presidente da Assembleia no tempo dele. Agora, continuo a ser no tempo do Carlos. Foram dois bons presidentes para mim, tanto o Pedro Cruz como o Carlos, sim, têm dignificado aquilo que se chama democracia e isso para mim é muito importante. Com respeito, com dignidade, ajudando o seu semelhante. É para isso que as pessoas são eleitas, é para ajudar o seu próximo e não para se servirem a elas. Isso para mim é muito importante e isso o Carlos tem feito com muita perfeição. Pedro Cruz também fez.

**PJP:** *Para terminarmos, tem alguns documentos, ou objetos dessa época, ou de quando estava em Angola?*

**JABR:** Tenho algumas fotografias de tropa, sou capaz de ter em casa, mas objetos daqui não tenho nada, nunca liguei muito a isso. Era participativo, mas nunca me fui agarrado a coisas materiais para guardar. Algumas fotografias da tropa em Angola sou capaz de ter lá em casa nos álbuns, sou capaz de ter lá algumas fotografias do tempo de tropa, sim.

**PJP:** *Tem alguma outra coisa que gostasse de focar que não tenhamos aqui tratado sobre este período?*

**JABR:** Não, está tudo bem. A única coisa que tenho de dizer é que o 25 de Abril foi uma coisa muito sadia, muito sadia para todos nós, que continua a cumprir-se e é bom que a gente tire dividendos cada vez mais positivos desta liberdade que temos. É isso que eu gostaria. E que houvesse mais justiça social, que não existe. Antigamente, havia muitos ricos e havia só pobres. Depois, a seguir ao 25 de Abril, passou a haver ricos, uma classe média e pobres. Agora, estamos outra vez a entrar numa fase em que só há ricos e há pobres. A classe média praticamente não existe, a senhora sabe disso. As pessoas vivem com dificuldades e eu, sabe que eu valorizo muito o ser humano pelo bem que faz aos animais, ainda hoje eu defino uma pessoa que trata mal um animal, para mim é uma pessoa que, não vou dizer que é uma pessoa que não tem valor, mas diminui.

**PJP:** *É um indício.*

**JABR:** É um indício que aquela pessoa não presta. Há uma história, há uma história muito bonita que eu li. A minha mãe esteve no hospital e eu ouvi essa história. Dum rato, numa mina, algures, já não sei onde é que foi. A mina, estão a não sei quantos metros de profundidade, naquelas galerias, não sei se conhece uma mina, e o rato apareceu lá. E um mineiro todos os dias dava comida ao rato. O rato afeiçoou-se ao mineiro. Todos os dias, à hora de almoço, aquele rato lá estava. Por fatalidade, existe um desabamento na mina, eles ficaram presos. Quem os salvou foi o rato. O rato caminhou lá por uma das



zonas da fragilidade na terra e eles escavaram por onde é que o rato foi e conseguiram sair. Saíram por outra galeria, está claro. Os animais dão-nos exemplos que a gente fica, fica fascinados.

**PJP:** *Partilhamos todos o mesmo espaço. Muito, muito obrigada pelo seu testemunho.*

**JABR:** De nada. Tudo de bom para vocês também, que façam um bom trabalho e, oxalá, consigam os objetivos a que se propuseram.

**PJP:** *Muito obrigada.*

---

**Referência para citação:** MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a José António Bandarra dos Reis*. 2023-07-27. 9 p. Acessível, com a referência PT/ML/AML/C/3/35/000005, em <https://abrir.link/SWmhV>.